

## ROÇAS DE QUILOMBO ... ENTRE INÍCIOS, MEIOS E COMEÇOS...

ROÇAS DE QUILOMBO ... BETWEEN BEGINNINGS, MIDDLES, AND OUTSET...

ROÇAS DE QUILOMBO... ENTRE INICIOS, MEDIOS Y COMIENZOS...

Diego de Matos Gondim<sup>1</sup> 0000-0003-1808-1470

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; diegogondim@id.uff.br

### RESUMO:

Este texto é uma tentativa de ocupar quintais e cozinhas quilombolas para brincar com e partir do livro “a terra dá, a terra quer”, lavrado por Antônio Bispo dos Santos. Se se trata de uma “resenha”, é porque faz uso dessa forma textual para resenhar com o lavrador mencionado, como quem expressa em brincadeira a possibilidade de produzir roças de quilombo e, com isso, lançar impertinências à escola, ao currículo e aos modos de pensar a educação.

**Palavras-chave:** contracolonização; biointeração; confluência; transfluência; territorialidade.

### ABSTRACT:

This text is an attempt to occupy quilombola backyards and kitchens to play with and depart from the book “a terra dá, a terra quer”, authored by Antônio Bispo dos Santos. If it is a “review”, it is because it makes use of this textual form to review with the mentioned farmer, as one who expresses in jest the possibility of producing quilombo fields and, thereby, casting impertinences towards the school, the curriculum and the ways of thinking about education.

**Keywords:** countercolonization; biointeraction; confluence; transfluence; territoriality.

### RESUMEN:

Este texto es un intento de ocupar patios y cocinas quilombolas para jugar con y a partir del libro “la tierra da, la tierra quiere”, labrado por Antônio Bispo dos Santos. Si se trata de una “reseña” es porque hace uso de esta forma textual para reseñar con el labrador mencionado, como quien expresa en juego la posibilidad de producir roças de quilombo y, con ello, lanzar impertinencias a la escuela, al currículo y a las formas de pensar la educación.

**Palabras clave:** contracolonización; biointeracción; confluencia; transfluencia; territorialidad.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo, SP: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

*Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso.*  
Antônio Bispo dos Santos

### ... inícios ...

O livro *a terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos<sup>1</sup>, começa assim, no “miúdo”, deslocando nosso olhar daquilo que é grande demais para aquilo que é *menor*<sup>2</sup> e que, portanto, expressa um uso político da escrita. Pode até ser ingenuidade pensar que se trata apenas de uma escolha de editoração da PISEAGRAMA e Ubu Editora, sem considerar nisso uma estética no pensamento de Nego Bispo, ou seja, uma estética enquanto prática que busca “adestrar” ou “enfeitiçar” uma língua, como diria o autor. Títulos, subtítulos, nomes, ..., apresentados miudamente, para que eles mesmos germinem em suas potências e confluências.

Nesta “guerra das denominações”, Bispo ressalta a figura do menor como uma convocação à outridade confluyente aos chiados das matas e aos cantos dos pássaros, mais um, e outro, germinante... As palavras movimentam a fronteira do sertão de onde ele escreve, tornando categorias geográficas, como *lugar* e *espaço*, sempre relacionais e transitivas, pautadas sobretudo por uma política do “envolvimento” e do “compartilhamento” com a outridade. A meu ver, suas palavras enunciam uma política da repetição como expressão da diferença: “para nós só há ‘um’ porque há mais de um” (Santos, 2023, p. 32)<sup>3</sup>.

Nesta direção, poderíamos dizer que o mestre Bispo produz uma “didática da invenção”, como propõe o poeta Manoel de Barros. Isto porque, na medida em que as páginas que compõem o livro se tornam território de sementeira, em vez de uma taxonomia das cosmologias quilombolas ou mesmo um compêndio informativo de suas práticas culturais, *a terra dá, a terra quer* insiste no estilo para ficar diferente: ... porque há mais de um.

“Repetir repetir — até ficar diferente.  
Repetir é um dom do estilo”  
(Barros, 2016, p. 16).

---

<sup>1</sup> Ao longo desta resenha, os leitores perceberão uma variação nos modos de nomear o autor do livro. Isto se dá por uma escolha pela variabilidade com a qual Antônio Bispo dos Santos sempre se apresenta, ou melhor, pela oportunidade que ele nos oferece de fazer vibrar a diferença. Utilizando suas palavras: “[...] as pessoas vão me chamando da maneira que elas gostam de me chamar, e eu vou respondendo da forma que as palavras vibram em meu corpo” (Nego Bispo - Trajetórias, 2024).

<sup>2</sup> O uso do “menor” neste texto não possui o sentido pejorativo que habitualmente lhe atribuímos na língua portuguesa. Em vez disso, apresenta uma abordagem qualitativa estabelecida numa relação indissociável com uma estética da escrita que compreende as miudezas como uma ferramenta política para “minorar” a linguagem. Trata-se, portanto, de assumir o uso da linguagem no pensamento de Antônio Bispo dos Santos como uma ferramenta sociopolítica e conceitual que faz render os modos de vida em seus diversos.

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que, neste caso, o conceito de política não é entendido como um “ato ou ação de gestão de um sujeito sobre outro ou sob outra coisa”, mas como um *modo de vida*, um modo de expressá-la. Neste sentido, é importante dizer que a política assim evidenciada se confunde com o que Nego Bispo conceitua como “autogestão”, ou seja, ela se expressa nos modos como a vida conflui e transflui com os diversos, como a pesca, a caça, os mutirões, os velórios, os festejos, as roças, os terreiros, as missas. (Santos, 2023).

Nessa potência do “menor”, nesse gesto miúdo, e nessa prática de germinar miudezas, o Velho Bispo desinventa conceitos e expressões colonialistas para *semear palavras* – texto que inicia as páginas dessa *roça* que até aqui decidimos chamar de “livro”. Assim, buscando fazer da escrita expressão de uma epiderme cosmofílica, Antônio expressa seu desejo: “transformar nossas mentes em roças e jogar uma cuia de sementes” (Santos, 2023, p. 14).

... é um dom do estilo!

!adestrar palavras, enfeitiçar a linguagem...

### ... meios ...

Entre a cidade e a casa de adobe, Antônio Bispo dos Santos enaltece uma *política* e uma *poética dos diversos*. E, neste caso, apesar da confluência possível, não é Édouard Glissant quem sussurra em seus ouvidos as condições epistêmicas para essa enunciação, mas aquele “mais um” que sempre rende; ou aquela codorniz que, diante da arapuca, prega um truque na criançada e ensina “como se esconder, como se disfarçar” (Santos, 2023, p. 26).

Desse modo, se o diverso é uma poética e uma filosofia da relação para Glissant (1996, 2009), em *a terra dá, a terra quer* elas se revelam como um *modo avesso à cultura*: “nós não temos cultura, nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida” (Santos, 2023, p. 23). Os diversos, portanto, são tudo aquilo que torna os modos de vida relacionais, transitivos, efêmeros e contingentes. Os diversos expressam uma condição orgânica na existência, em oposição a tudo aquilo que é sintético e plastificado, como os shoppings e Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Os diversos possuem cheiro de gente, transpiram e expressam uma epiderme da vida. Os diversos consagram haver sempre “mais um”.

... são multiplicidades!

Com essa brincadeira diante das denominações, em *idades e cosmofobia* e *somos compartilhantes* – textos que seguem a composição dessas roças de quilombo – Nego Bispo evidencia a crise das sociedades colonialistas e daquilo que as sustenta: o humanismo. Para ele, este último se cola ao *desenvolvimento* na medida em que deixamos de nos *envolver* com os diversos, os orgânicos, .... e, com isso, nos tornamos centro e égide da *unicidade*.

Por outro lado, postos em oposição nas fronteiras de seu pensamento, envolver(-se), ao invés de desenvolver(-se), se figura na afirmação dos *diversais*, aqueles que se envolvem organicamente e cosmologicamente com a vida e seus modos de expressão. Inspirados por suas palavras, poderíamos dizer que o humanismo reifica a universalidade pelo desejo de

unificação dos povos, das línguas, das moedas e dos modos de viver. Trata-se, portanto, de uma arquitetura colonialista da existência, um lugar e espaço onde o indivíduo se torna *único* em vez de *um*. Este último, por sua vez, é compreendido como um modo de expressão dos diversos: “nós, quando falamos de indivíduo, estamos falando de *unidade*, estamos dizendo ‘um’, mas esse ‘um’ é parte do todo, do universo” (Santos, 2023, p. 32).

Para o velho bispo, *ser compartilhante* tem a ver com essa estética e política dos diversos em suas miudezas, que é também uma economia, na medida em que opera uma lógica da biointeração, ou seja, uma economia da vida que se opõe à sintetização da existência e dos modos de ver, sentir, fazer e viver. Assim, os diversos – cosmológicos e orgânicos – fazem a existência render, confluindo com a exorbitância do “mais um” como unidades diversas e singulares. Portanto, ser compartilhante é enunciar uma estética, política e economia da relação com tudo aquilo que germina e prolifera em forma de existências miúdas. Opõe-se à cosmofofia e à higienização da vida e dos saberes, tal como provocado pelo intelectual indígena Ailton Krenak (2022). Afinal, se para este último trata-se de “sentir a vida nos outros seres” (Krenak, 2022, p. 102), para o mestre Antônio significa evidenciar o compartilhamento como “uma coisa que rende” com e nos diversos (Santos, 2023, p. 36).

... compartilhar é fazer a coisa render!

!os diversos é um dom de estilo...

### ... inícios ...

Entre o asfalto, o quintal e a cozinha, Antônio Bispo dos Santos contrapõe e sobrepõe a arquitetura colonialista – aquela que subalterna a existência humana à condição de dependente – com a estética, política e economia dos diversos. Habitar, morar e viver são, com isso, verbos que se (con)fundem na materialidade da vida orgânica e cosmológica proposta por Nego Bispo, onde a cozinha e o quintal exprimem a exorbitância dos modos de suar o próprio lugar/espaço e também de se posicionar junto aos astros. “A casa é tudo isso”, diz o autor em um momento de *a terra dá, a terra quer*, que, de tanto envolvimento, nos convoca a pisar nesse chão de trilhas curtas, quintais extensos e cozinhas transversalizadas (Santos, 2023, p. 66).

Quintais, cozinhas, festanças, comidas, e... são, para ele, modos de vida que contracolonizam os parques que humanizam e universalizam a existência no colonialismo contemporâneo. É preciso fundar quintais, transversalizar as expressões da vida em um território possível para a produção de confluências orgânicas e cosmológicas, de modo que

seja possível aumentar a vida para esquerda e para a direita, para frente e para trás, sem precisar de um corredor<sup>4</sup>.

Contra os corredores que impedem a vida de se expandir pelos lados, fundos e beiradas – em *arquitetura e contracolonialismo e colonialismo de submissão*, textos que o autor continua a lavrar em *a terra dá, a terra quer* –, Bispo não apenas denuncia as condições existenciais da sociedade contemporânea, mas, mais do que isso, se posiciona nos lugares de experiências vividas enquanto prática biointerativa, de um pensamento orgânico em oposição ao geopoder do colonialismo global ou globalizante, unificado ou universalizante.

É importante destacar que Nego Bispo não quer apenas “falar da aparência” do humanismo e colonialismo, mas fissurá-los na fronteira, onde é possível adestrar as palavras e enfeitiçar a linguagem. Sua escrita, lavrada sob o suor de uma foice amolada, expressa a realidade cortante de uma “racionalidade colonial” (Gondim, 2021). Ele expõe as feridas que aprendemos a esconder por debaixo da aparência de nossos condomínios e exalta a alegria de *criar solto, plantar cercado*, texto que finaliza o começo dessas roças de quilombo. “No quilombo, não existe ecologia, existe a roça de quilombo, a roça de aldeia, a roça de ribeirão, a roça de marisqueiro, a roça de pescador, a roça de quebradeira de coco” (Santos, 2023, p. 100).

Antônio Bispo dos Santos apresenta em sua roça de quilombo uma “pedagogia compartilhante” pautada por uma linguagem cósmica, um pensamento circular e orgânico que se prolifera nos quintais e se multiplica nos diversos. Ela faz render o mais um enquanto estética diversal. “O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes” (Santos, 2023, p. 91). Neste movimento, para começar este exercício de lavrar palavras, nosso autor então se apresenta:

Nasci e fui criado em uma encruzilhada de biomas, onde se encontram o semiárido, os cocais, a pré-Amazônia e, vez por outra, também alguns sinais do que se chama Mata Atlântica. (dos Santos, 2023, p. 38). Nós somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas [...]. Todos somos cosmos, menos humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. (Santos, 2023, p. 28).

---

<sup>4</sup> Nego Bispo, ao contrapor o modo como os colonialistas produzem suas casas, sem espaço nem territorialidade, parece (con)fundir a construção das casas nos quilombos com a produção e expressão da vida. Afinal, se para ele construir e habitar significa viver a casa em sua confluência com o cosmo, transversalizá-la significaria transversalizar os próprios modos de vida. Em suas palavras: “É diferente da casa pensada na transversal, na qual a água cai por cima da porta, me deixando aumentar a casa para direita e para a esquerda, para a frente ou para trás, sem precisar de um corredor” (Santos, 2023, p. 62).

!criar solto, plantar cercado, é um dom de estilo...

### ... começos ...

Agora, neste começo que excede os caracteres permitidos para este texto, insubmisso à arquitetura da revista, dou-me conta de que, talvez, o título mais apropriado para esta resenha fosse:

### Fazer render

*a terra dá, a terra quer* faz render... E com isso, parece caber o seguinte questionamento – a nós, educadores, e também a este número temático que busca problematizar o currículo, o tempo, os lugares de afetos, a aceleração da vida: *pode uma educação, uma escola, uma sala de aula, um currículo, um... render?*

### Agradecimentos

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, processo nº 294283, projeto *Oralityras Quilombolas. Modos de profetizar o passado*; à British Academy, projeto *Worlding Quilombo*, referência OIIRP230235; e às Pró-Reitorias de Extensão, Pesquisa e Assuntos Educacionais da Universidade Federal Fluminense, que apoiam projetos de extensão e pesquisa relacionados aos mencionados.

### Referências

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1996.

GLISSANT, Édouard. **Philosophie de la relation**. Paris: Gallimard, 2009.

GONDIM, Diego de Matos. **Manifestos Quilombolas: desta terra, nesta terra, para esta terra**. 2021. 310 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática e em Filosofia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP) e Université Paris 8: Vincennes Saint-Denis, Rio Claro, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NEGO BISPO - **Trajatórias**. Direção: Murilo Alvesso. [S. l.]: Itáu Cultural, 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg&ab\\_channel=Ita%C3%BACultural](https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg&ab_channel=Ita%C3%BACultural). Acesso em: 9 abr. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.



**SOBRE O/AS AUTOR/AS**

**Diego de Matos Gondim.** Doutor em Filosofia pela Université Paris 8 e em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista. Docente da Universidade Federal Fluminense. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3456340549436189>

**Como citar**

GONDIM, Diego de Matos. Roças de quilombo ... entre inícios, meios e começos... **Revista Espaço Currículo**, v. 17, n. 2, e70400, 2024. DOI: 10.15687/rec.v17i2.70400.

